Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado

Ano I nº 4
26/6 a 2/7/1996
R$ 1,00

Opinião SOCIALISTA

Wladimir Souza

Lélia Abramo conta uma vida de luta e de paixão

página 4

Incêndio em favela mostra desprezo pela habitação

página 9

Ieltsin joga sujo para ganhar eleições na Rússia

página 11

12 MILHÕES PARARAM CONTRA FHC

Mas, para derrotar o governo, a luta tem que continuar

CURTAS

Greve I. Na concepção da grande mídia patronal, só existe Greve Geral se os transportes não estiverem funcionando. Se funcionarem, não há greve (ainda que os ônibus circulem praticamente sem passageiros como era o caso do ABC paulista). Esta concepção provoca alguns absurdos, como foi o caso do repórter de Salvador da rádio CBN. Chamado a informar sobre a paralisação na capital baiana na manhã do dia 21, ele entrou dizendo que *"não há greve em Salvador, porque os transportes funcionam normalmente"*. Logo em seguida, esclareceu que tinham aderido à paralisação, *"os bancários, os servidores estaduais, os professores e os petroleiros"*.

◆

Greve II. Existe uma forma mais grosseira para atacar as greves dos trabalhadores, que é a de associá-la à violência e ao vandalismo. É basicamente o que fez a Rede Globo no *Jornal Nacional* do dia 21, embora tenha evitado definir a greve como um fracasso completo. Em São Paulo, os jornais o *Estado de S.Paulo* e *Jornal da Tarde* tinham como suas manchetes principais do dia 21 o seguinte texto: *"Noite de violência antecede a greve"*, fazendo referência a depredações de ônibus e à explosão de uma bomba na mão de um eletricista que estaria também com panfletos convocando a greve.

◆

Greve III. Há no país, uma total liberdade de falsificação para a grande mídia. No carro do eletricista que perdeu dois dedos na explosão da bomba, e que alguns grandes jornais insinuaram tratar-se de um piqueteiro ou militante do movimento, foram encontradas fotos do deputado estadual e candidato a prefeito de São Paulo pelo PTB, Campos Machado, um cartão de visita de um vereador do mesmo partido e panfletos anônimos de caráter provocativo. O interessante é que nenhum desses "detalhes" entrou no boletim de ocorrência feito pelo 40° DP de São Paulo. E os jornais *O Estado de S.Paulo* e *Jornal da Tarde*, logicamente, não tiveram que dar maiores explicações aos leitores.

◆

Sem limites. Não há limites para salvar banqueiros e torrar o dinheiro público. No último dia 22, foi anunciado que o governo liberou mais R$ 1,015 bilhão para o Banco Econômico. Há um mês atrás, o Banco Central já havia liberado R$ 2,954 bilhões. A grana saiu, claro, através do Proer. Com isso, o dinheiro público que foi injetado para a "venda" do Econômico chega a um total de R$ 5,665 bilhões. Devem estar querendo ganhar do banco Nacional, onde foram torrados (oficialmente) R$ 5,898 bilhões.

◆

Demissões. Diante do fracasso da Reforma Administrativa em quebrar a estabilidade do funcionalismo este ano, o governador de São Paulo Mário Covas prepara um Plano de Demissão Voluntária com o objetivo de forçar a saída de mais de 20 mil servidores. O mais correto seria chamá-lo de Plano de Demissão Forçada, porque o governo Covas ameaça o funcionalismo, dizendo que esta é a última chance de eles saírem pacificamente. Não vai mais haver PDV e quando for aprovada a quebra de estabilidade, as demissões serão "traumáticas".

O QUE SE VIU

Entrada da Volkswagen em São Bernardo do Campo no dia 21 de junho. A Greve Geral teve adesão de 100% dos trabalhadores da empresa — 23 mil metalúrgicos da Volks e 9 mil de terceiras. Nem os setores essenciais funcionaram. Segundo a Comissão de Fábrica, foi a maior greve da história da Volks, superior às de campanha salarial.

O QUE SE DISSE

"O grande salto desta greve é que ela vai mudar a pauta do debate nacional."
Vicentinho, presidente da CUT, durante entrevista coletiva na sede da Central no dia 21 de junho.

"Como a greve de ontem não foi geral, governistas apressavam-se em difundir uma imagem de derrota dos sindicatos e de suas propostas. Esses governistas são o que os norte-americanos chamam de "spin doctors", os especialistas em espalhar pela mídia a versão que lhes interessa."
Fernando Rodrigues, jornalista, na *Folha de S.Paulo*, 22/6/1996.

"Nos anos 70, a polícia do Rio matou mais negros que a polícia da África do Sul."
Hélio Santos, professor de economia e coordenador da Comissão Interministerial do Negro, no *Jornal do Brasil*, 23/6/1996.

"Essa morte foi muito esquisita, como foi a de Elma Farias e a do empresário Luis Calheiros Neto. As investigações precisam ser conduzidas com toda a lisura para que não reste qualquer dúvida."
José Carlos Sanches, delegado da Polícia Federal, sobre a morte de PC Farias, no jornal *O Globo*, 24/6/1996.

"Estão apagando os disquetes em Alagoas."
Sérgio Noronha, jornalista esportivo, no *Jornal do Brasil*, 24/6/1996

PSTU

◆**Nacional:** Tel - 549-9666 / 574-5838 / 575-6093 (SP) ◆ **São Paulo (SP):** Rua Nicolau de Souza Queiroz 189 - Paraíso- Tel (011) 572-5416 ◆**São Bernardo do Campo (SP):** Rua João Ramalho 64 - Tel (011) 756-0382 ◆ **Guarulhos (SP):** Rua Glauce Souza Lima 17 Vila Augusta ◆ **São José dos Campos (SP):** Rua Mario Galvão 189 Centro Tel (0123) 41-2845 ◆ **Rio Claro (SP):** Av. 1, 1143 Centro - Tel 24-0193 ◆ **Rio de Janeiro (RJ):** Rua da Candelária 87 4º And. Tel (021) 233-7374 ◆ **Florianópolis (SC):** CX Postal 3082 CEP 88010-970 ◆ **Duque de Caxias (RJ):** Rua Nunes Alves 75 Sala 602 ◆**Belo Horizonte (MG):** Rua Padre Belchior, 289 Centro Tel: (031) 226-3460 ◆ **Natal (RN):** Av. Rio Branco 815 Centro ◆**São Luís (MA):** Rua Candido Ribeiro, 441 Sala 1 Centro - (098) 232-4683 ◆ **J. Pessoa (PB):** (079) 231-8340 / 211-1867 ◆ **Maceió (AL):** Rua 13 de Maio 87 Poço ◆ **Brasília (DF):** SDS Ed. CONIC - Sobreloja 21 - cep 70391-900 Tel (061) 225-7373 ◆ **Goiânia (GO):** (062) 229-2546 ◆ **Belém:** Rua Riachuelo, 134 Comércio Tel (091) 225-3042 ◆ **Manaus (AM):** Rua Emilio Moreira 821 Altos Centro (092) 234-2289 ◆ **Recife (PE):** Rua da Gloria, 472 Tel (081) 231-3800◆ **Fortaleza (CE):** Av. da Universidade 2333 Centro - Tel (221-3972) ◆ **Porto Alegre (RS):** Rua Borges de Medeiros, 549 4º andar Centro ◆ **Passo Fundo (RS):** Rua Teixeira Soares, 2063 ◆ **São Leopoldo (RS):** Rua São Caetano, 53 ◆ **Terezina (PI):** Rua Lizandro Nogueira 1655 sala 02 - Centro

O nosso endereço eletrônico é: **sede.pstu@mandic.com.br**

EXPEDIENTE

Opinião Socialista é uma publicação semanal do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado. CGC 73282.907/000-64 Atividade principal 61.81. Endereço: Rua Jorge Tibiriçá, 238 - bairro Saúde - São Paulo-SP-CEP 04126-000. Impressão: Gráfica Vannucci

CONSELHO EDITORIAL
Martiniano Cavalcanti, Junia Gouveia, José Maria de Almeida, Valério Arcary, Enio Bucchioni, Carlos Bauer e Edna Araújo

JORNALISTA RESPONSÁVEL
Mariúcha Fontana (MTb14555)

EDITORIAL

FHC quer mais massacres

O presidente da República resolveu que os sem-terras serão, a partir de agora, um caso de segurança nacional. A decisão foi tomada após uma reunião de FHC com 12 ministros, incluindo todos os militares, realizada em Brasília. Também ficou definido que, de imediato, os militares colocarão suas tropas à disposição do Incra para evitar novas ocupações das suas dependências. Além disso, o Exército vai intensificar o serviço de informações sobre o MST. Por enquanto, a função de intervir diretamente nas operações de desalojamento continuaria a cargo das polícias militares, segundo orientou o próprio FHC.

Esta postura do governo federal deixa claro que há em andamento uma operação com o objetivo de abrir as portas para a ação do Exército nos conflitos de terra. Este é o sentido de colocar o problema da terra como questão de segurança nacional. Ou seja, o governo não tem nenhuma disposição de fazer qualquer concessão significativa para os sem-terras. Prova disso é a disposição de FHC em não regularizar nenhum assentamento em terras que tenham sido ocupadas pela ação do movimento.

Para sustentar estas recentes decisões, o governo afirma que o MST *"perdeu o controle sobre o seu pessoal"*, diante da crescente onda de ocupações de prédios do Incra e do conflito do Maranhão, que resultou na morte de três "funcionários" (é a singela forma como a grande imprensa resolveu denominar os tradicionais pistoleiros do latifúndio) da fazenda Cike. Engraçado, quando das chacinas de Corumbiara e Eldorado dos Carajás não ocorreu a FHC considerar o assunto questão de segurança nacional, nem dizer que "o seu pessoal tinha perdido o controle" e nem promover qualquer investigação séria. Diga-se de passagem, o MST está contestando o tal relatório da Polícia Federal, que já concluiu que seis integrantes do MST mataram os pistoleiros da fazenda Cikel. Há várias falhas. Por exemplo, um dos acusados no relatório não estava no local do conflito e sim na capital do Estado, São Luís.

Um registro. O novo menino de recados de FHC para a Reforma Agrária, o ministro "socialista", Raul Jungmann, também é a favor da ação policial para evitar que os sem-terras ocupem prédios do Incra.

É necessário que os trabalhadores fiquem alertas, porque novos massacres podem voltar a ocorrer, já que agora ocupação é "questão de segurança nacional". Todo o movimento social deve exigir o fim das intervenções policiais, e principalmente, que não haja nenhuma ação do Exército na questão agrária.

A Reforma Agrária deve continuar como uma das principais reivindicações dos trabalhadores da cidade, que devem continuar prestando uma irrestrita solidariedade à luta dos sem-terras e às ocupações, pois não há outro caminho para se conseguir um pedaço de terra para as dezenas de milhões de famílias desamparadas e massacradas pelo latifúndio.

OPINIÃO

As demissões no Econômico

Delsilaine Morilla,
Funcionária do Econômico, da Federação dos Bancários da CUT-SP

Terminou no último dia 12 de junho o Programa de Demissão Voluntária por Incentivo (PDVI) do Excel-Econômico. O PDVI era dirigido somente aos funcionários do ex-Econômico que possuíam mais de cinco anos de banco, e, segundo dados não oficiais, possuía o objetivo de mandar 3.500 funcionários para a rua. O que mais chocou, no entanto, foi o verdadeiro terrorismo da direção do Excel-Econômico, que fechou departamentos inteiros e "aconselhou" seus funcionários mais experientes a aderirem "voluntariamente" ao programa. Após o fim do prazo, qualquer um poderia ser demitido sem nenhum incentivo.

O Sindicato dos Bancários de São Paulo inexistiu durante a implantação do PDVI. Na verdade, seus diretores não conseguiram sequer realizar uma assembléia com mais de 20 funcionários do ex-Econômico, que dirá ter postura capaz de impedir as demissões. Incompetência e falta de vontade política, quando misturados, têm como trágico saldo 3.500 trabalhadores para engrossar as estatísticas do desemprego no país.

O PDVI atingiu 2.300 funcionários. A diferença entre o que se pretendia e o que se atingiu foi resolvida com um programa de demissões dirigidas, sem normas ou critérios claros, e que ficou conhecido entre os funcionários como "penebê", o popular pé na bunda.

O governo, através do Proer, injetou no Excel-Econômico a "modesta" quantia de R$ 6 bilhões, com a desculpa furada que era necessário proteger os depositantes (que possuíam aplicados no ex-Econômico apenas R$ 2 bilhões), e não deu garantias de emprego aos funcionários, os maiores prejudicados por toda a roubalheira de Calmon & Cia.

Na cruel dúvida entre destinar recursos para educação, saúde, criação de empregos ou salvar banqueiro safado, o ministro Malan optou por atender à elite que, infelizmente, manda e desmanda no país.

FHC emprestou ao banqueiro o que pagamos de impostos, para que o banqueiro pudesse nos demitir. Este, porém, é apenas mais um paradoxo de um país que tem a pior distribuição de renda do mundo e que dormiu sonhando com um sociólogo na presidência e acordou com um neoliberal que optou por trair o povo que o elegeu.

CARTAS

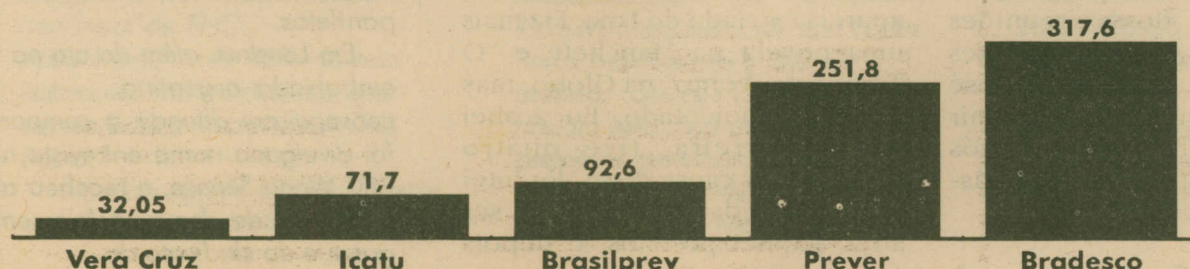
Esclarecer e dar argumentos

No dia 3/6/96 houve uma plenária da CUT estadual do Pará onde se discutiu o 6º ponto do programa da greve geral, que propõe "Contra as reformas de FHC, por reformas populares" e encaminhou-se um debate sobre o que significa defendermos (o movimento defender) as reformas populares na atual conjuntura.

Infelizmente, o embate político, na sua forma, levou a várias confusões, inclusive de militantes nossos e de militantes que integram o MTS. No encaminhamento final acabou sendo aprovado que a CUT/PA defenderia no programa "Contra as reformas de FHC", saindo do programa "Por reformas populares".

No sentido de esclarecer este ponto com argumentos claros, o nosso núcleo decidiu escrever para o jornal pedindo um artigo sobre esta questão para que tenhamos claro os argumentos a serem utilizados sobre por que não defendemos hoje as reformas populares e o por que não sermos contra levantar bandeiras de reformas dentro do espaço conquistado pela classe sob o capitalismo.

Sabendo que o nosso pedido será atendido, agradecemos.

Núcleo Educação I do PSTU,
Belém (PA)

"Eu lutei durante minha vida inteira"

Lelia Abramo, 85 anos, é atriz, fundadora do PT e histórica militante socialista. Ela faz parte de uma família de artistas e intelectuais de esquerda. Dos irmãos Abramo, Lívio foi um famoso gravurista, Athos era crítico de teatro, Fúlvio foi militante de esquerda e jornalista, área na qual Cláudio, o mais novo, se destacou.

Opinião Socialista — A senhora é conhecida como atriz e também por sua atuação política. O que veio primeiro?

Lelia Abramo — Desde que me lembro de mim mesma eu queria ser atriz, essa é uma coisa que está em mim. Quanto à política, foi uma opção que veio em função da vida. Na minha época, as pessoas cultas, os intelectuais, eram da esquerda, era uma época em que existiam ideais ainda. Naturalmente, reacionários e fascistas já existiam, e muito fortemente, mas a minha família era de humanistas e socialistas. Eu entrei no Sindicato dos Comerciários com 20 anos e logo participei da direção. O Partido Comunista era ilegal, mas era muito forte, e a Liga Socialista (trotskista) tinha pouca gente, mas era gente boa, de pulso, como Mário Pedrosa, Lívio Xavier, Aristides Lobo, Victor de Azevedo, e meu irmão, Fúlvio Abramo. Eu naturalmente segui essa linha porque me parecia a mais correta.

Opinião Socialista — Como foi a participação da senhora no combate aos integralistas?

Lelia — Os integralistas iam dar uma demonstração de força na Praça da Sé. Nós nos reunimos em uma frente anti-fascista de trotskistas, comunistas, socialistas, anarquistas, operários e sindicatos de tendência de esquerda, e cercamos a praça. O Partido Comunista distribuiu armas — o meu grupo tinha apenas pedras — e nós deixamos que eles se arregimentassem. Passaram as crianças integralistas; as mulheres, fardadas e com armas, e quando os homens começaram a desfilar nós avançamos. Houve uma guerra, com mortos e feridos. A partir desse momento nós tomamos uma decisão política mais firme, os sindicatos ficaram mais fortes, e nós derrotamos o integralismo.

"Os censores cortavam, eliminavam, proibiam, era uma luta terrível"

Opinião Socialista — Essas demonstrações eles não fizeram mais?

Lelia — Aqui em São Paulo não. E aí começa a minha militância, não no partido, porque naquele tempo não era qualquer um que entrava. Era ilegal, por isso se levava muito tempo para entrar, tanto no partido trotskista como no stalinista. Depois veio aquela que se convencionou chamar "Intentona Comunista", o golpe stalinista, e foi uma desgraça, porque houve uma repressão brutal. Eu fui para o interior e me escondi, a minha sorte é que o meu nome não estava ainda na lista, tinha um nome falso. Fui para a Europa e, quando voltei, Trotsky já tinha sido assassinado e não tinha mais partido trotskista aqui. Nós entramos no Partido Socialista e fazíamos aquela propagandazinha pequenininha.

Sérgio Koei

Lélia Abramo

Opinião Socialista — E a carreira artística? Como começou?

Lelia — Eu tinha 47 anos quando comecei a ser atriz. Voltei da Itália e entrei num grupo italiano. Um diretor de teatro me viu e me chamou para o Teatro de Arena. Eu ganhei todos os prêmios no meu primeiro trabalho, que foi "Eles não Usam Black-Tie". Era uma peça que marcou a história do teatro brasileiro. Comecei minha carreira em 58 e em 64 estourou o golpe militar. Nós abríamos o teatro para fazer nossas reuniões e os estudantes vinham, o José Dirceu, o Araújo, o Wladimir Palmeira, o Travassos. E nós também participávamos das passeatas dos estudantes.

Opinião Socialista — A maior parte dos atores era contra a ditadura?

Lelia — A maioria dos atores não tinha uma posição ideológica, mas tinha uma postura política porque era contra a censura. Toda peça que se fazia tinha que ir com cinco cópias para Brasília, os censores cortavam, eliminavam, proibiam continuamente, era uma luta terrível para nós. Nesse período, é claro que eu estava sempre nas assembléias, nos atos, no meio do movimento. Quando começaram as grandes greves, em 77 e 78, eu era presidente do Sindicato dos Artistas, entrei em contato com São Bernardo e comecei a frequentar o palanque do Lula.

"A Globo me cortou porque eu estava nos comícios, com o Lula"

Opinião Socialista — Qual o período em que a senhora dirigiu o Sindicato?

Lelia — De 1978 a 82. Em 79 a Globo me cortou e eu nunca mais trabalhei, a minha carreira acabou. Me cortou, porque eu estava em todos os comícios, aparecia ao lado do Lula. Fiz mais uma novela na Manchete e "O Tempo e o Vento" na Globo, mas foi muito boicotado. Eu acabei minha carreira, tive quatro enfartes por causa disso. Eu lutei a minha vida inteira para ser atriz, ganhei prêmios, e depois não conseguia mais trabalhar.

Operário escreve para socialistas presos

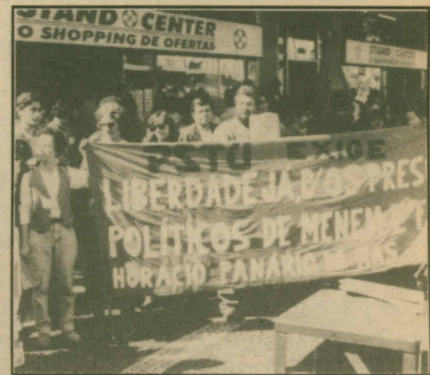
Reproduzimos um pequeno trecho da carta que Aguinaldo, metalúrgico de Minas Gerais, enviou para Horacio Panario e Alcides Christiansen.

"Companheiros Horacio e Alcides, meu nome é Aguinaldo B. M., sou militante do PSTU simpatizante da LIT no Brasil, estou na região sudeste. Nossa organização tem 41% da diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos de BH e Contagem, estado de Minas Gerais.

Fizemos uma reunião com 200 operários da empresa Indumitil e nessa reunião conversamos sobre a prisão de vocês, sabemos que esta carta é ainda muito pouco, porém os operários da Indumitil querem lhes passar um pouco de conforto e solidariedade, esperamos também que esta lhes dê mais coragem para que possam resistir aos ataques do capital que, como dizia Trotsky, está putrefato.

Outros companheiros também estão desenvolvendo esta mesma atividade de solidariedade em outras fábricas como Mannesmann, ABB, Toshiba, etc. que são as maiores fábricas da nossa categoria.

Também estamos nos Comitês de Desempregados. A idéia é de internacionalizar, cada vez mais, nossas atividades."

SérgioKoei

Ato realizado em SP

Campanha chega à Grécia

Como parte dos atos de solidariedade convocados internacionalmente, os companheiros da Grécia fizeram um ato em Atenas com cem pessoas. A campanha foi difundida em dois jornais que são vendidos em bancas. Também foram colados 500 cartazes pela cidade e distribuíram 3 mil panfletos.

Em Londres, além do ato na embaixada argentina, conseguiram difundir a campanha foi divulgada numa entrevista na BBC World Service, e recebeu a solidariedade dos portuários em greve e do sindicato do funcionalismo público.

PSTU integra frente classista em Belém

Gilberto Marques,
de Belém (PA)

A convenção municipal do **PSTU** de Belém, realizada no dia 23 de junho, no Instituto de Educação do Pará, contou com a participação de aproximadamente 100 pessoas representantes de diversas categorias como professores e servidores universitários, funcionários do judiciário, funcionários públicos, petroleiros e trabalhadores dos correios, entre outros. Também estiveram presentes no ato, representantes do PT, PCB, Partido da Causa Operária (PCO) e do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST).

Passeata dos sem-terras em Belém. A convenção do PSTU defendeu uma prefeitura a serviço de suas lutas

A convenção definiu a participação do **PSTU** na frente composta pelo PT, PCB e PCdoB, que lançará o companheiro Edmilson Rodrigues do PT, à prefeitura de Belém e apontou a necessidade de avançarmos na elaboração de um programa que responda às reais necessidades da classe trabalhadora como emprego, salário, saúde, educação e reforma agrária, contra FHC e seu comparsa no Estado, o governador Almir Gabriel.

Durante a convenção Edmilson falou da necessidade da luta pelo socialismo: *"É a utopia que entendemos ser um sonho realizável ao contrário do que tenta passar a burguesia. Se eles não vão abrir mão do poder com flores, vão ter que enfrentar a ira dos trabalhadores"*.

Quanto às possibilidades da frente nestas eleições, ele afirmou que *"temos a possibilidade de levar ao 2º turno uma candidatura classista que colocará dois projetos bem claros: de um lado o das elites dominantes e do outro, com todas as diferenças que temos, um projeto classista, ou seja dos trabalhadores; um projeto que aponte para a construção do poder dos trabalhadores"*.

A convenção foi impulsionada pelas mobilizações da greve geral e o clima foi de continuidade das lutas contra FHC e suas reformas, apontando que o único caminho para a classe trabalhadora é a sua própria organização.

Na saudação do MST, Gladson Barbosa, da Coordenação Estadual, falou da dificuldade de saber em quem confiar nossos votos, da desapropriação da Fazenda Macaxeira, da definição de um plano de reforma agrária por parte do governo e da importância da convenção: *"Lutar pela terra é dar a vida e não usá-la de forma oportunista. Neste sentido, esta convenção do **PSTU**, bastante democrática, vai dar vitalidade a uma política que estamos levando no campo"*.

Convenção lançou candidatura socialista

"Mulher de luta, trabalhadora, Cacilda vereadora", foi a palavra de ordem que tomou conta da plenária quando o nome da companheira Cacilda Pinto, Cacá, foi votado por unanimidade para ser a candidata do **PSTU** à Câmara Municipal. Cacilda é uma das lutadoras mais reconhecidas da cidade e do estado, é trabalhadora do Tribunal de Justiça e membro da executiva da CUT Estadual.

Falando em nome do **PSTU**, ela ressaltou a importância dos revolucionários participarem das eleições disputando a consciência da classe trabalhadora e denunciando o parlamento burguês e os partidos de esquerda que traem a classe trabalhadora, a exemplo do PPS de Raul Jugman, Ministro da Reforma Agrária, que disse que iria intervir com o exército contra o MST.

Cacilda saudou o rompimento do PCdoB com o governo estadual, chamou Edmilson a governar com um programa socialista e denunciar o "modo petista de governar" e finalizou: *"nós vamos estar no dia-a-dia chamando o voto e a classe trabalhadora a se organizar e lutar contra a burguesia e na defesa de nossas conquistas"*.

A convenção ainda foi marcada pela lembrança de José Luis e Rosa Hernandes, militantes do **PSTU** mortos há dois anos, Edmilson falou da importância da luta dos camaradas assim como dos 19 sem-terras mortos em Eldorado dos Carajás.

Cacilda lembrou os companheiros afirmando: *"que nossos espinhos furem a cada dia a opressão e a exploração da burguesia contra os trabalhadores e que o vermelho da Rosa permaneça vivo em nossa luta pela construção do socialismo."*

Ensaios contra a ordem

Beth Monteiro,
do Rio de Janeiro (RJ)

Este é o título do livro (publicado pela Editora Scritta) onde o autor Petras defende a tese de que "o socialismo é o único sistema capaz de enfrentar a onda irracional da loucura do mercado que ameaça defender a miséria geral com uma violência sem limites"

O livro de Petras, um dos mais destacados intelectuais progressistas norte-americanos, tem como alvo o resgate do marxismo, a demonstração da inviabilidade do neoliberalismo e a denúncia do oportunismo dos intelectuais, ex-marxistas, que optaram pela defesa do neoliberalismo.

Autor demole retórica anti-marxista

"A grande ironia do período atual é que a democracia capitalista está sendo celebrada justamente quando a degeneração do capitalismo prepara o terreno para o renascimento da teoria e prática comunistas. *A partir desta análise o autor segue uma linha de raciocínio que visa demolir a retórica anti-marxista dos mandarins da intelectualidade da nova ordem, e de seus aliados, os ex-marxistas, que passaram a defender a autonomia do Estado frente ao poder da classe trabalhadora, cujo raciocínio metodológico, enfatiza o autor, propositadamente ininteligível, não resiste à prova dos fatos.*

Estão surgindo novas lideranças

No capítulo sobre a América Latina, o autor, a partir de dados verificáveis, coloca por terra os mitos promovidos pelos meios de comunicação imperialistas, que buscam justificar o fracasso da chamada década perdida (anos 80), enumerando certos elementos como a política de estatização promovidas pelos governos populistas, quando na verdade, observa Petras, foi a dívida externa o agente devastador da economia da região.

O autor ainda afirma que os movimentos sociais, sindicais, estudantis — presságio de uma nova onda de sublevação social — estão forjando novas lideranças em alternativa à geração de ex-esquerdistas e/ou líderes guerrilheiros que participam de coalizões neoliberais.

12 milhões pararam na greve geral

Mariúcha Fontana,
da redação

O governo e praticamente toda a imprensa burguesa, com diferentes tons, tentaram impor a versão de que a Greve Geral do dia 21 foi "um fracasso", ou "inútil", ainda que fossem obrigados a se referir ao "clima de feriado" nas principais capitais do país.

O fato é que houve uma paralisação grande em todo o país, 12 milhões segundo o levantamento das centrais sindicais, ainda que com muitas desigualdades. Nas principais capitais do Brasil, como São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre e Brasília, houve uma adesão bastante grande à greve, mesmo onde os ônibus circularam, como foi o caso de São Paulo. Os ônibus funcionaram; no entanto, não tinham passageiros.

Greve de 21 de junho foi primeiro passo, mas FHC continua no ataque

Mas esta greve teve inúmeras desigualdades. Do ponto de vista dos setores organizados, ainda que tenham parado categorias fundamentais, a paralisação foi aquém da de 1989. Ainda assim, a adesão da população no geral foi maior já que desta vez havia transporte funcionando na grande maioria das capitais, ou seja, havia como as pessoas irem ao trabalho.

Essas desigualdades se devem, ao nosso ver, tanto à confusão nas bandeiras da greve, no início de sua preparação, como também à falta de organização na base dos sindicatos. A agitação que foi criando o clima de que haveria greve foi suficiente para levar inúmeros setores a aderir. No entanto, onde exigia mais unidade e segurança e, portanto, mais organização interna, sobretudo em função da ameaça de desemprego, ao ficar só na agitação e não haver organização, a greve não ocorreu.

A greve do dia 21 não só existiu, como foi um movimento positivo e importante, que fortalece toda a classe trabalhadora na sua resistência aos planos de FHC. Porém este fortalecimento ainda é quantitativo. Houve um acúmulo que cria mais e melhores condições para lutar.

Apesar de muito importante como um ensaio e um primeiro passo, a greve do dia 21 ainda não possibilitou alterar a correlação de forças entre o movimento de massas e o governo. Ainda não conseguimos bater com a força suficiente, de modo a colocar FHC na defensiva.

Wladimir Souza

Piqueteiros da Ford param ônibus em São Bernardo

Preparar já os próximos passos

Os ataques do governo, o arrocho e o desemprego vão continuar. No campo, por exemplo, o governo não só está movendo uma campanha e uma verdadeira farsa contra os sem-terras, buscando mostrá-los como assassinos, como está transformando-os em caso de "segurança nacional", de modo a usar o exército na repressão ao movimento.

Por tudo isso, há que ter continuidade o movimento que iniciamos com a greve do dia 21. Se não houver continuidade, o esforço que fizemos e o acúmulo quantitativo que teve o movimento, se perderá. Além do quê, se não houver perspectiva clara de avanço na mobilização, o governo e a classe dominante farão eco com sua campanha de que greve não serve para nada.

Tem grande importância a reunião da Executiva da CUT no dia 25, bem como a reunião das Centrais no próximo dia 8 de julho.

Desde já é necessário discutir, em todos os sindicatos e na base, a importância de se construir uma jornada de lutas pela redução da jornada sem redução do salário, pela Reforma Agrária e punição dos assassinos dos sem-terras, por aumento geral dos salários, em defesa da manutenção dos direitos dos trabalhadores e contra as Reformas de FHC.

É preciso um cronograma de lutas que aponte para uma nova Greve Geral, para derrotar FHC e conquistar nossas reivindicações. Esse é o único caminho para encurralar o governo e derrotar definitivamente seu projeto neoliberal. **(M.F.)**

Meios de comunicação mentem

Fernando Silva,
da redação

O governo FHC não deve ter no Congresso Nacional aliados tão fiéis como tem nos grandes meios de comunicação (jornais, tevês e rádios). Em dias de greves da classe trabalhadora, bombardeiam a cabeça da população com uma versão falsificada dos fatos, sempre com o argumento de que estão "informando" ou "prestando serviços".

Claro que estamos falando de grandes grupos capitalistas (com uma boa rede de jornalistas fura-greves ou jornalistas chapa-branca, como são conhecidos os entusiastas do governo FHC), que deles não se poderia esperar outra coisa. A "democrática" *Folha de S.Paulo* garantia na manchete do dia 22 que a greve fracassou, embora nos seus artigos ou manchetes secundárias reconhecesse que "houve um feriado" (ou seja, pouca gente foi trabalhar) e mais ainda, que a greve teve sucesso "nos setores mais organizados". O mesmo fez o *Jornal do Brasil*.

Os jornais *O Estado de S.Paulo* e *Jornal da Tarde*, a *Rede Globo* e a *Rede Record*, entre outros, partiram para a ignorância e trataram de associar o movimento grevista com vandalismo, violência e terrorismo. As rádios desde cedo garantiam o fracasso da greve e convocavam as pessoas ao trabalho já que *"os transportes estavam funcionando"*.

No Brasil, há muitos problemas que, do ponto de vista dos trabalhadores, está na ordem do dia. O debate e uma campanha pela democratização dos meios de comunicação é um deles.

Josemar Gonçalves

Greve dos Rodoviário deixou Brasília vazia

Pátio dos ônibus na entrada da Mercedes Benz: adesão total

ABC aderiu em massa

Eram 6:30 horas da manhã do dia 21. Na porta da Volkswagen, em São Bernardo do Campo, uma faixa e a comissão de fábrica sem ter o que fazer pois sequer algum metalúrgico indeciso se aproximava do portão. No pátio do estacionamento, chegavam as dezenas de ônibus de fretamento, vazios ou quase isso. A greve na Volks, segundo o coordenador da Comissão de Fábrica, José Raulino, *"foi a maior da história. Pararam até os setores essenciais. No total são 23 mil metalúrgicos da empresa e 9 mil funcionários das terceiras."*

A situação não era diferente nas principais empresas da região, como na Mercedes Benz e na Ford. Nesta última, ocorreu um incidente por volta das 5:30 quando um metalúrgico, o cipeiro José Alberto dos Santos, levou um tiro no pé de um segurança que queria entrar na empresa. Ainda assim, a adesão foi praticamente de 100% dos 9 mil funcionários da Ford (incluindo os terceirizados).

A Greve Geral era bastante visível no ABC. Os metalúrgicos pararam quase 100% na região, os químicos e construção civil, 80%. O pessoal dos correios, 70%. A paralisação no transporte era expressiva e por volta das 11 horas da manhã, o comércio do centro de São Bernardo estava fechado. Por volta da hora do almoço era possível ver carros que passavam buzinando em volta da Igreja da Matriz (onde havia uma concentração de sindicalistas), alguns deles com bandeiras da CUT. **(F.S.)**

Transporte pára Brasília

Antonio Guillen,
de Brasília

Ao contrário da maioria das capitais do país, os 17 mil rodoviários do Distrito Federal aderiram à Greve Geral. A paralisação foi garantida devido aos piquetes organizados pela CUT, sindicatos e partidos políticos. Houve também um bloqueio de duas horas da BR-020, que liga Brasília ao Nordeste do país, para segurar os ônibus intermunicipais que trafegavam pela rodovia e garantir a adesão à greve. O bloqueio foi feito por ativistas do Sindicato dos Eletricitários, pelos rodoviários da empresa Viplan que aderiram a greve e militantes do PSTU.

Foi também na Viplan (empresa de ônibus de Wagner Canhedo, dono da Vasp) que aconteceu um enfrentamento. Um dos filhos de Canhedo foi pessoalmente com seus seguranças tentar pôr na marra os ônibus para funcionar, mas não obteve sucesso. A greve dos transportes acabou dando o tom do 21 de junho em Brasília, mas vale destacar que houve uma expressiva paralisação dos funcionários da Universidade de Brasília (UNB). Os professores da UNB aderiram apenas parcialmente.

No final do dia, foi realizado um ato com a presença de 700 sem-terras de Planaltina, que caminharam 40 quilômetros para mostrar seu apoio à Greve Geral dos trabalhadores.

Greve teve adesão nas capitais

Nas grandes capitais, ocorreu em geral, com algumas exceções, uma importante adesão à paralisação ou o que a mídia tratou de chamar de "feriado".

Nas primeiras horas do dia, estava claro que a orientação da burguesia era colocar os transportes para funcionar e a partir daí garantir o fracasso da greve. Conseguiram em parte, pois com raras exceções (metrô de São Paulo e ônibus de Brasília) os transportes coletivos funcionaram. Porém, faltou um pequeno detalhe: a população ir ao trabalho.

Na cidade de São Paulo, era possível medir esta adesão nos pontos de ônibus dos bairros da zona sul e zona leste (praticamente vazios), nos locais de grande concentração de fábricas, como da Leopoldina na zona oeste, e até em dados estatísticos gerais como os do trânsito de São Paulo, que num dia normal tem 88 quilômetros de congestionamento em média nos horários de pico e no dia 21, não passou de 22 quilômetros.

No metrô (onde os metroviários realizaram uma greve fortíssima na parte da manhã e parcial à tarde), por volta de 9 mil pessoas tinham utilizado esse transporte até o meio-dia (pouco mais de 1% de um dia normal quano o metrô chega a 750 mil usuários até esse horário). Até às 17:30 horas, em torno de 170 mil pessoas tinham usado o metrô, contra mais de 1,3 milhão de um dia normal.

Além de uma forte greve no metrô, estima-se que em São Paulo mais de 200 mil metalúrgicos e 220 mil operários da construção civil aderiram à paralisação. Vale destacar que na Baixada Santista houve greve total no porto de Santos, dos rodoviários e uma expressiva paralisação dos operários da construção civil de Cubatão.

Em parte, a mídia tinha razão. Houve um feriadão. O ridículo dessa mídia é não conseguir esconder que houve um feriadão (e só poderia ser dessa forma, já que não era um feriado) porque as pessoas não foram ao trabalho. **(F.S.)**

Metrô de São Paulo parou totalmente no período da manhã

BANCÁRIOS *Eleições renovaram 50% da diretoria do Sindicato*

Chapa da CUT vence em Belo Horizonte

Priscilla Junqueira,
de Belo Horizonte (MG)

De 10 a 14 de junho ocorreu, em Minas Gerais, a eleição para a renovação da diretoria do Sindicato dos Bancários de Belo Horizonte e região. Duas chapas estavam na disputa: a *Chapa 2*, oposição, composta pela *CGT*, *Força Sindical* e independentes; e a **Chapa 1** da CUT, formada pelo **Movimento por uma Tendência Socialista (MTS)**, *Corrente Sindical Classista*, petistas das tendências *Democracia Socialista*, *Tendência Marxista*, *Articulação Sindical* e bancários independentes. A chapa da CUT venceu com 64% dos votos válidos, representando uma queda em relação à última eleição, quando obteve 70%.

O número de votantes também diminuiu em 5% totalizando, este ano, 11.764 votos. Este Sindicato representa cerca de 27 mil bancários e tem quase 15 mil sindicalizados. Em 1995, houve 2.047 demissões na categoria.

Para explicar melhor esse processo eleitoral, **Opinião Socialista** entrevistou o diretor de Assuntos Jurídicos da **Chapa 1** e militante do **PSTU**, Fernando Antonio Pereira.

Nova diretoria quer retomar luta dos trabalhadores

Opinião Socialista — A que se deve a queda de votos obtidos pela chapa da CUT?

Fernando — Esta queda é consequência da péssima gestão dos últimos três anos, caracterizada pelo afastamento do Sindicato da base da categoria. A chapa da CUT anterior não veio de um processo de convenção, foi fruto de um acordo entre a extinta *CUT pela Base*, *Articulação Sindical*, *Corrente Sindical Classista* e PSB que não se manteve durante a gestão, impossibilitando uma melhor atuação por parte da diretoria.

Opinião Socialista — Qual é a diferença desta diretoria que está entrando com a passada?

Fernando — A diferença está principalmente no sistema de composição da chapa que, este ano, deu-se através de um processo democrático de convenção. Devido a isso, houve uma renovação de 50% no corpo diretivo eleito.

Opinião Socialista — O que significa esta mudança para o Sindicato e esta vitória da chapa cutista?

Fernando — Primeiro, a vitória significa a manutenção deste Sindicato dos Bancários, o 8° do país, dentro das esferas da CUT. Além disso, a renovação na diretoria possibilita um trabalho de maior integração com a categoria e o resgate das lutas dos bancários que nos últimos anos estiveram à margem dos processos de luta no país.

METALÚRGICOS

Articulação usa FS para ganhar eleição

Clara Paulino,
da Redação

Nos dias 10, 11 e 12 de junho, os metalúrgicos do Rio de Janeiro participaram do primeiro turno das eleições do Sindicato. A *Chapa 2*, composta pela *Corrente Sindical Classista, Força Socialista, grupo Cinco de Julho* e independentes, saiu vitoriosa com 40,84% dos votos. Participaram do processo outras duas chapas: a *Chapa 1*, composta pela *Articulação Sindical* (atual maioria na diretoria do Sindicato) que obteve 33,64% dos votos e a *Chapa 3*, composta pela *Força Sindical*, que obteve 15,6% dos votos. O segundo turno da eleição ocorrerá nos dias 25,26 e 27 de junho.

O Sindicato dos Metalúrgicos do Rio de Janeiro, que possui 60 mil trabalhadores em sua base e 12 mil filiados, originalmente tinha sua eleição marcada para a segunda quinzena de maio. Porém, a eleição está sendo realizada em junho e em dois turnos, devido às manobras efetuadas pela *Articulação Sindical*, que se valeu da chapa da *Força Sindical*.

Segundo o militante da *Corrente Sindical Classista* e integrante da *Chapa 2*, Luís Chaves, a Comissão Eleitoral constatou várias irregularidades na *Chapa 3 da Força Sindical*, como por exemplo: integrantes que não eram sócios do sindicato, demitidos com mais de seis meses fora da categoria e até membros que não eram metalúrgicos; por isso a chapa foi impugnada.

Chaves explica que a partir daí, a *Articulação Sindical*, extra oficialmente, começou a dar uma batalha jurídica para conseguir que a chapa da *Força Sindical* pudesse participar do processo. A *Força Sindical* entrou com várias liminares na justiça para garantir sua participação, motivo pelo qual o processo se estendeu tanto. *"Dessa forma, a oposição à atual diretoria teve duas chapas, uma de esquerda e outra de direita, o que beneficiava a Articulação Sindical"*, esclarece.

Na semana anterior ao primeiro turno, a *Articulação Sindical* lançou através de boletins, o seguinte desafio às chapas participantes: *quem ganhar no primeiro turno leva*. Mas, nem isso respeitou.

ESTUDANTES

PCdoB segrega universidades federais

Priscilla Junqueira,
de Belo Horizonte (MG)

Nos dias 15 e 16 de junho, ocorreu em Divinópolis, o 36º Congresso da União Estadual dos Estudantes de Minas Gerais. Ao contrário do Congresso anterior, que significou um avanço, pois nele estavam representadas todas as entidades dos estudantes, o 36º Congresso foi um retrocesso, um esvaziamento da entidade. O evento foi realizado por insistência do PCdoB, num período em que as universidades federais estavam em greve, inviabilizando assim a eleição de delegados nas 12 universidades federais de minas Gerais.

Adiamento foi rechaçado

Luciano Soares, diretor da última executiva da UEE-MG e militante do PSTU, apresentou a proposta de adiamento do Congresso. "Seria impossível realizar um Congresso representativo sem a participação dos estudantes das universidades federais. Por isso, propusemos como alternativa a realização de um Conselho Estadual de Entidades de Base onde se discutisse a eleição de uma comissão para acompanhar os trabalhos da Executiva, a marcação da data do próximo Congresso e a preparação da Greve Geral. Conseguimos o apoio do PT para esta solução, o que não foi suficiente para fazer o PCdoB recuar da sua postura de segregar os estudantes das federais", *esclareceu Luciano.*

Congresso foi esvaziado

Diante da recusa do PCdoB em organizar um Congresso de todos os universitários de Minas Gerais, "decidimos não ir ao Congresso, no que fomos apoiados novamente pelos companheiros do PT. Não reconhecemos a diretoria eleita neste Congresso. Não apoiaremos nenhuma medida que recorra às leis burguesas contra o movimento e nem a criação de uma entidade paralela", *concluiu Luciano. Só PCdoB foi ao Congresso e devido à sua postura, o movimento deverá sofrer as consequências de uma política irresponsável.*

Favela amanhece em chamas e 4 morrem

Clara Paulino,
da redação

Manhã de segunda-feira, 17 de junho. Os moradores da maior favela da capital de São Paulo, a do Heliópolis, acordam com um incêndio que destruiria um prédio e cerca de 20 barracos. Segundo os moradores o incêndio teria sido provocado por uma vela, uma vez que no local estava faltando energia elétrica. A tragédia resultou em quatro mortos e cerca de 60 feridos. Entre os mortos, estavam um garotinho de 4 anos e um bebê de 12 dias.

A construção da estrutura do prédio incendiado e de dois outros, do mesmo tipo, teve início na gestão municipal do ex-prefeito, Jânio Quadros, por volta de 1987. No projeto original, a prefeitura tinha a intenção de construir três prédios de 18 andares no meio da favela. Na época, os moradores foram contra o projeto porque entendiam que havia uma prioridade anterior: a de resolver o problema habitacional dos próprios moradores do Heliópolis.

A prefeitura defendeu a construção dos prédios argumentando que a venda dos apartamentos geraria subsídios para concretizar um plano habitacional para o local. O fato é que somente os esqueletos dos três prédios foram levantados e com o tempo estes passaram a ser ocupados por trabalhadores sem-teto, que completaram as laterais das construções com papelões e madeiras.

Wladimir Souza

O incêndio destrui totalmente a casa de Silvaneite de Jesus

Cerca de 169 pessoas, entre adultos e crianças, que sobreviveram ao incêndio, estão alojadas em uma escola municipal, próxima à favela. O motorista desempregado, Edson Alves Mascarenhas, com quem conversamos, está no alojamento com seus cinco filhos e esposa. Ele nos conta que perdeu tudo e não tem para onde ir com a família. Justina Gomes Chaves vivia, com cinco filhos e o marido pedreiro, no prédio que pegou fogo. No incêndio, seu filho de 4 anos, Francisco Walmir Chaves, morreu queimado. Desolada, ela nos disse que só lhe resta esperar pela ajuda divina.

As estruturas abandonadas pela prefeitura foram completadas com papelão e madeira

A moradora Silvaneite Francilina de Jesus tem um barzinho em frente à sua casa, onde trabalha. Ela teve os fundos da casa todo incendiado. Sem ter para onde ir com a família, eles estão com móveis e pertences ao relento.

Silvaneite diz não ter nenhuma confiança em propostas feitas pelos representantes da Cohab. *"Nós não vamos sair daqui sem garantias por escrito. Já fizeram outras propostas e nunca deu em nada"*, desabafou.

Segundo um dos líderes comunitários da favela, José Antonio Leite da Paz, a proposta da Cohab é de construir quatro edifícios de seis andares para abrigar os moradores do prédio incendiado e dos outros dois. Paz afirma que, enquanto isso, a prefeitura está propondo remover o pessoal para um alojamento; um acampamento ou para um salão da prefeitura, na regional do Ipiranga (bairro próximo à favela).

"Ser despejado é como sentir a dor da morte"

A favela do Heliópolis tem cerca de 9 mil barracos e 70 mil moradores, espremidos em uma área de um quilômetro quadrado, que mais parece um campo de refugiados da "modernidade" neoliberal de FHC. Aproximadamente 90% de seus habitantes são nordestinos que vieram buscar trabalho em São Paulo.

No dia seguinte ao do incêndio, o prefeito Paulo Maluf foi à favela e acusou o PT de ser o responsável pelo incêndio. O prefeito acabou sendo expulso (sob pedras) da favela pelos moradores.

Em depoimento ao Opinião Socialista, outro líder comunitário, João Miranda Neto, diz que nestas horas Maluf esquece que é o prefeito; que os moradores já haviam feito uma proposta à prefeitura para transformar os prédios inacabados em habitações populares e que Maluf nem tomou conhecimento. "Se tentarem despejar alguém do Heliópolis vai haver resistência. Ser despejado, ter que sair de sua casa é como sentir a dor da morte e contra isso estamos lutando", declarou.

Para Miranda, num país de miséria, "sem inflação" e sem emprego, o povo está vindo morar aqui. "É necessário realizar e combinar a reforma agrária com a reforma urbana, senão este país vai explodir", afirma. (C.P.)

Dia internacional de orgulho gay-lésbico

No dia 28 de junho de 1969, gays, lésbicas e travestis que frequentavam o bar Stonewall, em Nova York, reagiram violentamente a uma batida policial que estava sendo dada no local. Nos quatros dias que se seguiram, os homossexuais conseguiram expulsar os policiais da área, ateando fogo aos carros e fazendo barricadas. Um ano mais tarde, para comemorar a data, 10 mil gays e lésbicas de todos os cantos dos Estados Unidos fizeram a maior manifestação de homossexuais que já se tivera notícia. Nascia ali o Dia Internacional de Orgulho Gay-Lésbico.

Brasil terá atos em todos os estados

Hoje o "28 de junho" é comemorado em todos os países do mundo. Este ano, demonstrando um crescimento do movimento gay e lésbico brasileiro, haverá atos em praticamente todos os estados do país. Em São Paulo, no dia 28, um rua do centro da cidade será fechada em ato-festa. No Rio de Janeiro, além de uma passeata pela orla de Copacabana, no dia 30, o grupo Arco-Íris irá promover uma mostra de filmes gays e lésbicoos e uma semana de debates sobre a homossexualidade na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Em Salvador, haverá, também no dia 28, um ato na frente da Câmara dos Vereadores. Atos e manifestações também ocorrerão em Curitiba, Porto Alegre e outras cidades.

"Skinheads" fizeram ataque em São Paulo

Na noite do domingo, dia 16 de junho, um grupo de aproximadamente 25 skinheads (grupo de neonazistas de cabeça raspada) invadiu um dos mais movimentados "bares gays" de São Paulo, na movimentadíssima esquina da Av. Paulista com a rua da Consolação e espancou durante quase meia hora vários frequentadores. Ao saírem do bar, um dos skinheads assassinou um dos frequentadores de uma pizzaria próxima com um tiro.

Apesar da área ser ostensivamente vistoriada pela polícia, durante todo ataque sequer um carro passou pelo local. É para acabar com isso que gays e lésbicas criaram seu Dia Internacional de Luta.

Um povo oprimido e sem nenhum direito

A seguir, publicamos alguns trechos de uma entrevista do militante turco da Liga Internacional dos Trabalhadores, Metin. A entrevista foi concedida à rádio alternativa Contrabanda, de Barcelona, na Espanha. Metin aborda o dramático problema da nacionalidade curda, pouco conhecido por nós.

RC — Qual é exatamente o "problema curdo?" Você pode situar onde vivem os curdos e dar alguns números?

Metin — O povo curdo está privado de seus direitos, tanto humanos quanto nacionais, e está submetido de maneira sistemática ao genocídio, a assimilação e a deportação.

Os curdos são um povo de 30 milhões de pessoas, cujas terras não formam um Estado próprio, mas estão divididas entre a Síria, Irã, Iraque e a Turquia. Quase a metade desta população vive dentro das fronteiras da República da Turquia. Destes quinze milhões, nove estão assentados sobre seu próprio território, no sudeste da Turquia.

O regime militar turco viola todos os direitos humanos e democráticos

RC — Qual é a situação dos curdos na Turquia?

Metin — O regime policial-militar turco, que tenta proteger uma estrutura única de Estado, não só aplica um bárbaro genocídio sobre o povo curdo, como viola os mais elementares direitos humanos e democráticos dos curdos, chega até a matar os advogados que defendem os prisioneiros curdos.

A mesma opressão e agressão sofrem os oito milhões de curdos que vivem sob o colonialismo do Irã. Os cerca de 6 milhões de curdos que vivem no norte do Iraque são vítimas da política genocida de Sadam Husseein há dezenas de anos.

RC — Quando se produziu a atual divisão do Curdistão entre quatro Estados diferentes?

Metin — Com a primeira Guerra Mundial, quando o Império Otomano perdeu a guerra e foi fragmentado, esta região do Império foi dividida em quatro partes. O objetivo do imperialismo inglês e francês foi dividir este território rico em petróleo e outros minerais, em partes que eles podiam controlar facilmente.

PKK tem apoio dos curdos, mas abandonou discurso de independência nacional

RC — Quais são as forças políticas que representem os curdos?

Metin — Existem três grandes forças políticas. O Partido Democrático Curdo (PDK) é o partido dos senhores, já que o feudalismo é a estrutura sócio-econômica predominante entre os curdos. Seu líder, Mesut Barzani é um dos grandes senhores do Curdistão. Seus quarenta mil guerrilheiros são basicamente camponeses e estão controlados pelos senhores, que constituem a chefia militar da burocracia do partido.

A União Patriótica do Curdistão (UPK) é um partido nacionalista pequeno burguês, basicamente apoiado pelos pequenos camponeses e o setor pobre da classe média do sul do Curdistão. Controlam uma área próxima da Mosul e Erbil, cidades ricas em petróleo.

A terceira força política mais importante do Curdistão é o Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK) que opera principalmente na Turquia. É um partido socialista apoiado majoritariamente por gente pobre e camponeses sem terra, pelos setores mais pobres das cidades curdas e a juventude.

Hoje, de acordo com os números oficiais do Estado turco, o PKK tem mais de 30 mil guerrilheiros. Eles levam a cabo uma guerra de guerrilhas sistemática. Conta com o apoio do povo porque o PKK criou uma consciência nacional democrática forte.

Porém, o PKK abandonou sua bandeira com a foice e o martelo e adotou a bandeira nacional de três cores. Também abandonou seu discurso de independência e começou oferecer a paz ao governo turco em troca de diretos humanos e culturais com algum tipo de autonomia. É uma política semelhante a de Arafat na Palestina.

RC — Existe uma solução para a nacionalidade curda?

Metin — O povo curdo nunca chegará a uma autêntica independência sob o controle do imperialismo e com o apoio do mesmo. A independência e unificação do Curdistão só é possível mediante uma revolução social. Ou seja, destruindo o feudalismo e o capitalismo na região.

Em outras palavras, o problema nacional do Curdistão, só se resolverá com as lutas unificadas de todos os povos da região. E isto inevitavelmente conduz a uma Federação de Estados Socialistas do Oriente Médio. A vitória da independência nacional do povo curdo se encontra neste slogan, assim penso.

Socialista assassinado sob tortura

Akin Reçber, um socialista de 19 anos, faleceu no dia 20 de maio. Ele foi a quarta vítima fatal dos tiros disparados pela polícia turca na manifestação do 1º de maio, em Istambul.

Akin havia viajado de Ankara a Istambul para participar da manifestação, junto com militantes trotskistas. Ele e centenas de outros manifestantes foram presos logo após o final do ato. Durante os oito dias em que permaneceu preso, Akin foi violentamente torturado e, dez dias depois de ter sido libertado, não resistindo aos ferimentos, o jovem socialista faleceu. A autópsia feita pela médicos "oficiais" afirma que sua morte foi provocada por "insuficiência respiratória e circulatória".

Protestos marcam o enterro

O enterro de Akin, realizado em Ankara no dia 22 de maio, foi acompanhado por centenas de trabalhadores, amigos, gente pobre de seu bairro, militantes e representantes das organizações democráticas e dos partidos políticos progressistas.

Enfurecida com a morte do jovem e a ostensiva presença da polícia, a massa rompeu o cerco policial gritando diversas palavras de ordem como "A dignidade humana vencerá a tortura!" e "Os mártires revolucionários são imortais!".

Convocada campanha internacional

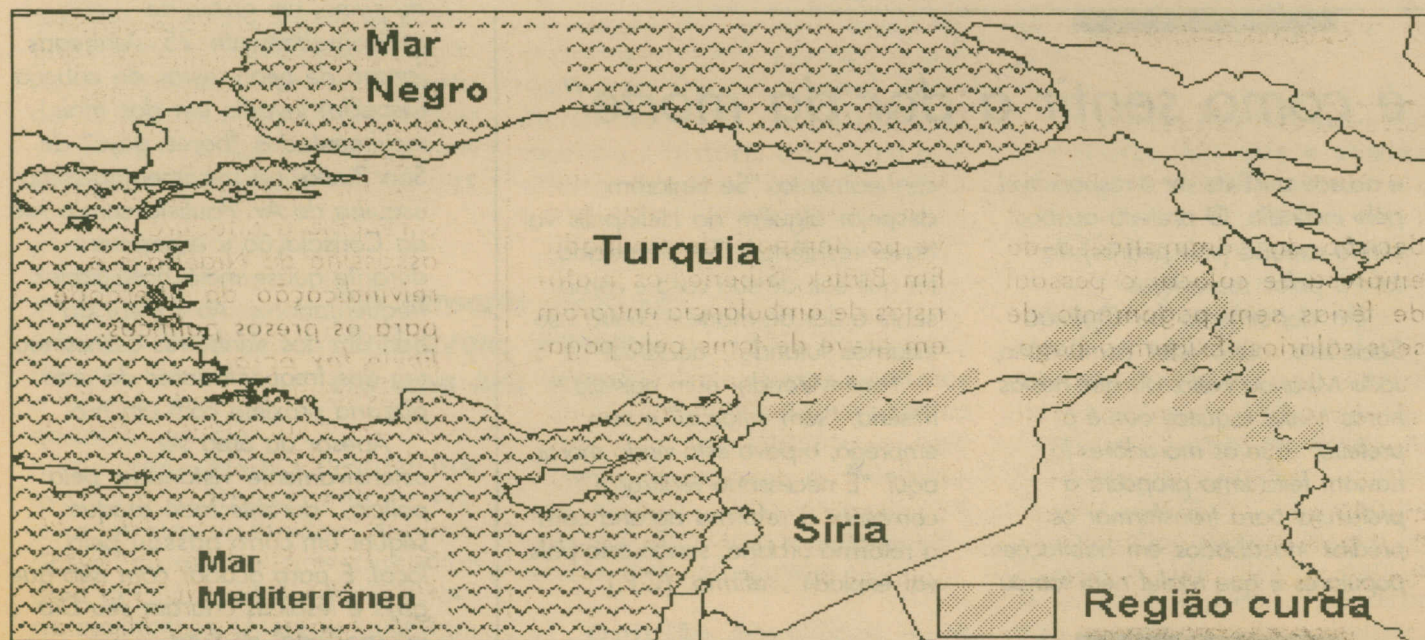
Os advogados de Akin declararam que a morte sua foi provocada pela ruptura de órgãos internos durante a tortura. Eles fizeram um chamado a todas as organizações democráticas para ajudá-los a pressionar o governo, exigir o esclarecimento da morte de Akin e a punição dos seus assassinos.

Telegramas podem ser enviados para os seguintes endereços:

Suleyman Demirel
Presidente da Republica Turca
Çankaya/Ankara — Turquia

Mensagens de solidariedade podem ser enviadas ao jornal Demokrasi:

Demokrasi Gazetesi
Kemal Pasa Mah
Ataturk Bulvan Cad. No. 148/28
Aksaray/Istambul - Turquia
(fax) 90.212.632.28.04

1º turno das eleições teve abstenção de 40% dos eleitores

Ieltsin leiloa cargos para vencer 2º turno

Pavel Slutzky,
de Moscou

O lema "vote ou perderás", inventado e muito divulgado pelos assessores de Ieltsin para motivar os eleitores, não foi suficiente para conquistar mais do que aproximadamente 60% destes, quando esperavam fazê-lo por volta de 80%. Destacaram-se, pela apatia, grandes cidades como São Petersburgo, onde a participação não chegou a 50% dos eleitores registrados. Por isso é muito importante destacar que quase 2% dos votantes se pronunciaram contra todos os candidatos, e dos dez pretendentes à presidência, cinco ficaram muito abaixo de 1%, incluindo Mikhail Gorbatchov, chefe da "Perestroika".

Nesse sentido, é importante a leitura dos resultados na imprensa russa para ver que Ieltsin, com todo o aparato publicitário e a distribuição de concessões demagógicas não superou no total de 34%, um terço dos votos. Isto é pouco mais de 20% do eleitorado. Seu adversário no 2º turno, Ziuganov com do Partido Comunista, o maior partido da Rússia e com o apoio do Bloco Popular Patriótico, recebeu 32% dos votos, não alcançando 20% do eleitorado.

A falta de verdadeiras alternativas da classe operária fez com que significativos 14% dos votos, em grande parte dos trabalhadores, fossem canalizados para a figura em ascensão do General Alexander Lebed, "nacionalista" vinculado aos liberais e grandes banqueiros, admirador declarado de Pinochet, que com uma milionária campanha de TV financiada discretamente pelo Kremlin, prometeu *"colocar em ordem com mão dura, combater a corrupção e o crime e fazer com que a Rússia volte a ser orgulhosa e forte."* O êxito da "mercadoria" Lebed foi, em parte, a custa da decadência do fascista Jirinovsky, mas também é um reflexo da ilusória busca, por parte de um amplo setor de massas, "da via russa" "e do líder carismático e honesto, que evitará um confronto entre vermelhos e brancos.

Ieltsin dança rock em Moscou. Tudo pelo voto

Depois de passar a noite em claro contando votos, o partido de Ieltsin se jogou desde cedo do dia 17 para continuar a campanha para o 2º turno. Enquanto seus assessores e asseclas chamavam para a formação de uma aliança para fechar o caminho da ameaça "comunista", o próprio Yeltsin se reuniu com o General Lebed e o designou, por decreto, para assumir o comando do Conselho de Segurança do Estado, um super ministério que concentra as decisões de força. Os dirigentes do Partido Comunista retrucam a estes preparativos com suas próprias ofertas, ao próprio Lebed, Jirinovsky e outros, alertando ao governo de que deve levar em conta o montante de votos do "Bloco Popular e Patriótico" para definir o futuro curso das reformas.

Com a dura experiência, com as falsificações e sofrimento, o caráter deste jogo começa a ficar claro até para os mais confusos: é um jogo de rapina pelo poder e pela propriedade entre capitalistas e burocratas.

Greves ainda agitam a Rússia

Em Vladivostok, os eletricitários se organizaram para cortar o fornecimento para as empresas devedoras e estão em greve geral desde 10 de junho. Os mineiros desta região anunciaram sua adesão. Em Krasnoiarsk, os metalúrgicos do níquel fazem greve desde 1º de junho. Na grande fábrica de máquinas de Yurga, região de Kemerovo, Kuzbass, milhares de operários se declararam em greve desde 4 de junho, como reação contra a decisão da administração da empresa de colocar o pessoal de férias sem pagamento de seus salários. Exigem o pagamento dos salários atrasados há três meses, e a renúncia do diretor e de toda "chefia".

Em Volgogrado a fábrica metalúrgica "Outubro Vermelho" fez uma greve de advertência em 4 de junho e se até o dia 15 a empresa não cumprir o exigido inicia uma greve por tempo indeterminado. Em Bratsk, Sibéria, os motoristas de ambulância entraram em greve de fome pelo pagamento de seus salários. Em Voronezh, foi realizada uma massiva assembléia de operários e técnicos de centrais atômicas, para organizar uma ação de protesto contra um dívida salarial de seis meses.

NIGÉRIA

Ditadura mata presos políticos

No dia 4 de junho, a esposa do presidente civil eleito nas eleições de 1993, anuladas pelo regime militar, foi brutalmente assassinada pela ditadura militar nigeriana. Também nos últimos dias, o principal dirigente do Partido da Consciência Nacional, que já estava preso, foi transferido do cárcere onde se encontrava. Existem fortes suspeitas de que já tenha sido assassinado. Além disso, a ditadura condenou à morte oito ativistas pelos direitos humanos.

Outros dirigentes do movimento contra a ditadura, como Biodun Olamosu, estão na iminência de serem formalmente acusados de terrorismo e subversão o que certamente significará sua condenação à morte por enforcamento.

Ativistas são torturados

A situação é muito semelhante para militantes como Femi Aborisade, dirigente do Partido da Consciência Nacional e da organização socialista Militant, já encarcerado e vítima da tortura promovida pelo regime.

O PSTU se solidariza com a campanha pela liberdade dos presos políticos nigerianos e exige a imediata libertação dos prisioneiros políticos Femi Aborisade e Biodun Olamosu, bem como de todos os mais de 200 ativistas pró-democracia que se encontram aprisionados sem julgamento, sofrendo torturas e que podem ser assassinados a qualquer momento.

Chamado à solidariedade

Nos somamos à luta pelo fim imediato da ditadura militar neste país e o reconhecimento do resultado das eleições de junho de 1993. Fazemos um chamado aos ativistas do movimento operário, estudantil e popular do Brasil a enviarem o repúdio à ditadura assassina da Nigéria e a reivindicação da liberdade para os presos políticos. Envie fax para:

General Abacha, Palácio do Governo, Nigéria. Fax: 00 234 9 523 2138.

Cópias e cartas de solidariedade para: NCP, PO Box 1114 Surulere, Lagos State, Nigéria e CIU, PO Box 496, Agege, Lagos, Nigéria.

É hora de acelerar a campanha

Quando você estiver lendo este jornal, estaremos na quarta semana da campanha nacional de assinaturas do **Opinião Socialista**. Durante este período, o jornal tem acompanhado os fatos da campanha, procurando refletir o que os militantes e amigos do **PSTU** têm feito para que alcancemos a nossa meta: levar o nosso jornal, as idéias e as propostas nele contidas, a milhares de trabalhadores e estudantes em nosso país.

Com todos que conversamos e pelas cartas que recebemos de várias regiões, acreditamos que temos espaço e condições de fazermos muitas assinaturas do **Opinião Socialista**. No entanto, os resultados alcançados até agora estão aquém das nossas possibilidades. Conseguimos fazer até agora 448 assinaturas. Precisamos alterar o nosso ritmo de campanha para que consigamos atingir o nosso objetivo de chegar a milhares de assinantes para o nosso jornal.

No mês de junho tivemos inúmeras atividades, como a preparação da greve geral e a organização das convenções legais do **PSTU** para indicar os candidatos às eleições de 1996. Isso, sem dúvida, tomou todo o tempo dos nossos companheiros e companheiras.

Mas a partir de agora, vamos levar as idéias, opiniões e a política do nosso partido para os trabalhadores e estudantes que estiveram conosco durante a greve geral, ou que estão discutindo e interessados nas nossas candidaturas. Enfim, vamos daqui até o final da campanha batalhar para conseguir muitos assinantes para o **Opinião Socialista**.

Claudio Waine

São Paulo tem melhores resultados

Até agora, o Estado de São Paulo está na frente no placar de assinaturas: foram feitas 295, sendo 199 na Capital (veja tabela). Estes resultados se devem ao fato de que, além da atividade individual dos militantes, em todas os eventos do movimento, a campanha de assinaturas está sendo feita. Foi assim no ato de preparação da greve geral em São Paulo. Nesse ato, vendemos muitos jornais e também oferecemos as assinaturas para um público onde a maioria das pessoas eram militantes da Força Sindical. Os companheiros contam que não houve nenhuma dificuldade em vender o jornal. Pelo contrário, vários militantes da própria Força Sindical (maioria de metalúrgicos) vinham pedir informações sobre o jornal e acabavam comprando-o.

Venda na fábrica foi um sucesso

Na semana passada, três companheiros foram à fábrica Krones, empresa metalúrgica de Diadema, vender o Opinião Socialista. O resultado não poderia ser melhor! Foram vendidos 31 jornais na porta da fábrica, no horário de entrada dos operários.

Com essa bem sucedida atividade na Krones, o jornal vai passar a ser bem mais conhecido pelo pessoal da fábrica e agora quando os companheiros voltarem lá, será possível fazer várias assinaturas. Exemplos como este, devem e podem ser repetidos em todos os cantos do país. Mãos à obra, pessoal!

Regional	Objetivo	Realizadas
São Paulo/Capital	1.400	199
São Paulo/Interior*	--	96
Brasília	300	10
Belo Horizonte	440	16
Recife	700	28
Rio Grande do Sul/Interior*	--	27
Acre	59	1
Florianópolis	--	23
Manaus	297	13
Natal	235	9
Corumbá	48	3
Goiânia	300	3
Maceió	100	9
Curitiba	--	5
Juiz de Fora	47	1
Belém	527	5
Total	**4.763**	**448**

**SP/Interior: ABC (28, Bauru (22), Guarulhos (11), São José dos Campos (15), São José do Rio Preto (7), Jundiaí (5), Rio Claro (2), /Ribeirão Preto (3), São Carlos (2); RS/Interior: Passo Fundo (20), São Leopoldo (7)*

Uma meta política e solidária!

Companheiros do jornal,

Sou militante do PSTU e funcionária do Estado (professora), categoria à qual o governo assassino de Almir Gabriel aplica na íntegra o projeto neoliberal de FHC. Trabalho em uma escola pública onde funcionam 1º e 2º graus (é uma escola com quase 2 mil alunos). O peculiar desta unidade escolar é que se localiza num bairro de periferia e muito operário, cuja característica central é ser conhecido como a maior invasão da América Latina, chamada PAAR. Neste momento que iniciamos a campanha financeira do partid, gostaria de relatar uma situação peculiar.

Bom, ofereci a uma companheira de trabalho (professora de 1º a 4º série) uma assinatura do jornal e ela concordou em fazê-la. Até aqui tudo bem, mas o surpreendente é que no mesmo instante a companheira ofereceu a assinatura para o acervo da escola, onde estaremos encaminhando o projeto da sala de leitura e a biblioteca da mesma. Acredito que este seja o tipo de incentivo que deva ser socializado para o conjunto das regionais, no sentido de motivar a militância para as metas que estamos nos propondo a cumprir neste processo de campanha. Temos acordo que espaço existe para nos construírmos, o que precisamos é ocupá-lo.

S. Gomes,
Belém (PA)